

Apresentação:
Manuel Bandeira –um poeta menor menormenormenor¹...

Paulo César S. Oliveira²
Maria Cristina Cardoso Ribas³

Quando em 1930 Manuel Carneiro de Sousa Bandeira (1886-1968) entregou ao público “Pneumotórax”, do livro de poemas *Libertinagem*, o prenúncio de uma vida que poderia ter sido e não seria, por conta da morte iminente, já havia se dissipado, dando lugar a uma outra promessa, não mais marcada pela nostalgia das ilusões perdidas, mas por um futuro glorioso e, por que não dizer, laborioso, que o passar dos anos atestou até 1968, quando se findou a longa jornada de Bandeira sobre a Terra, aos 82 anos. A jornada do poeta foi longa, para os padrões da época, contrariando o prognóstico do jovem que em 1904 adoeceu do pulmão, aos 18 anos. Intensa, sua vida foi dedicada à poesia e à crítica, o que dá o testemunho de uma obra que, como poucas, recortou toda a primeira metade do século XX e chegou até o fim da década de 60 como das mais importantes de nossa história literária. O labor da taça e o rigor do crítico e pesquisador de literatura são como faces de uma mesma moeda lapidada na paixão pelas letras. E é essa vida de alta voltagem que o presente dossiê, homenageia, 45 anos após a despedida de nosso “poeta menor”, estrela da vida inteira dos que amam a poesia. Reunimos oito trabalhos críticos de pesquisadores e pesquisadoras de gerações diferentes, com interesses e objetivos diversos, mas irmanados pelo desafio de estudar a “poética bandeiriana” e que, assim, nos afirmam sua profissão de fé no legado do mestre. Completa o dossiê uma crônica-poema de Affonso Romano de Sant’Anna gentilmente cedida para republicação neste número 26 da *Revista Soletras*.

O dossiê “45 anos sem Bandeira” é inaugurado com o trabalho de Wellington de Almeida Santos, “Manuel Bandeira e o diálogo com a tradição poética”, que justamente formula a tematização da morte como elemento a recortar a obra poética de Bandeira “através de uma singular dialética poética” que, segundo Santos, requer do crítico uma técnica de

¹ Nosso título é inspirado na homenagem de José Paulo Paes a Manuel Bandeira, por ocasião da sua morte. In: PAES, José Paulo. Epitáfio. *Calendário perplexo*. São Paulo: Ficções, 1983.

² Doutor em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto de Teoria Literária na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, Coordenador adjunto da Pós lato sensu em Estudos Literários e Professor Titular de Literatura Brasileira na Uniabeu.

³ Doutora em Ciência da Literatura – Teoria – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Procientista UERJ/Faperj, Coordenadora do Núcleo de Extensão da FFP, Professor adjunto de Teoria Literária na Faculdade de Formação de Professores da UERJ e do Mestrado no Instituto de Letras da UERJ.

análise e leitura forjada na intertextualidade. Se, de um lado, encontramos um Bandeira que insiste “na tese do poeta inspirado”, de outro, encontramos o poeta “extremamente zeloso da técnica versificatória, o estudioso sagaz, sensível e penetrante da poesia alheia” (SANTOS, 2013, p. 2). Conhecedor profundo da obra de Bandeira, o artigo de Santos, ao explorar o longo percurso dessa dialética poética perseguida pelo poeta, resulta leitura exploratória essencial para o conhecimento mais amplo da trajetória do poeta, caminho esse também trilhado pelos artigos que o sucedem.

Da nova geração de pesquisadores da obra de Bandeira, nos chega o artigo “O *Carnaval* de Manuel Bandeira e a *commedia dell’arte*”, cujos objetivos são os de estudar o primeiro livro do bardo, *Carnaval*, de 1917, através da figura lunar de Pierrot, com a qual Chequer discutirá as relações de Bandeira com a *Commedia dell’arte* que media a atmosfera neo-simbolista e o tom melancólico da obra. Confirma, assim, de passagem, a tese de Wellington de Almeida Santos, de que a leitura intertextual e seus vários mecanismos são essenciais na compreensão da poética bandeiriana. Também nessa perspectiva, Pedro Marques, em “Manuel Bandeira e o acaso calculado”, contribui com a cena intertextual ao estudar os postulados poéticos e teóricos de Stéphane Mallarmé, Paul Valéry e Mário de Andrade, partindo da ideia de que Bandeira dialogou com as principais questões estéticas da poesia que viria a influenciar o século XX, especialmente as estéticas modernistas. Deste modo, Marques investiga os impasses entre poesia de inspiração e interesse formal, duas colunas que sustentam o trajeto da obra de Bandeira e que, conforme defende, faz com que a obra de Bandeira se estruture entre o estudioso de literatura e as “cogitações de poeta”.

Imersos na consciência dessa variedade de recursos, temas e leituras, apontadas por Santos, Chequer e Marques, deparamos “Traços penumbristas na poesia modernista de Manuel Bandeira”, artigo com que Norma Goldstein dá continuidade às suas pesquisas anteriores, especialmente na obra *Do penumbrismo ao modernismo: o primeiro Bandeira e outros poetas significativo*, de 1983. Neste primoroso trabalho enviado à *Soletras*, Goldstein lança mão de seus extensos recursos críticos de análise cerrada do verso para mostrar como “parte dos traços penumbristas persiste ao longo da produção do autor, faz parte de seu estilo e convive harmoniosamente com os traços estilísticos do modernismo” (GOLDSTEIN, 2013, p. 1).

Na análise de “Gesso”, poema que integra a obra *Ritmo dissoluto*, de 1924, Yudith Rosenbaum (2013, p. 1) desvela camadas discursivas em que “o processo pelo qual o homem

e o poeta se encontram, fazendo do ‘mau destino’ uma travessia de sabedoria”. Com isso, reelabora em seu campo crítico novas perspectivas de leitura que dialogam com os demais trabalhos do dossiê, ao mesmo tempo evidenciando que a poética bandeiriana confirma o caráter plurissignificativo da obra literária mas, ao mesmo tempo, também se mostra como espaço onde as mesmas questões são diferidas na repetição, no vigor daquilo que chamamos de poética do autor. Exemplo disso é ainda o artigo de Eduardo Coelho que, como em Santos, Chequer e Marques, observa em Bandeira o poeta atento ao estudo e à leitura de outros poetas, com quem dialogará. Neste caso, Coelho elege a recepção da obra de Blaise Cendrars por Bandeira por meio do exame das cartas, crônicas e poemas do recifense, com ênfase nos anos de 1910 a 1920. O inovador trabalho de Coelho sustenta que a maior parte das apropriações da obra de Cendrars “passou longe dos olhos da fortuna crítica sobre a poesia de Manuel Bandeira” (COELHO, 2013, p. 10), com isso revigorando as possibilidades de leitura da poética do autor.

Claudete Daflon (2013, p. 1) propõe “discutir como podem ser encaradas as relações entre poesia e música a partir da análise de algumas experiências poéticas” e convoca Paulo Leminski ao diálogo com Manuel Bandeira, mirando a interseção entre poesia e música. Neste diálogo, convoca estudiosos ao debate, dentre eles o também presente neste dossiê, Pedro Marques, com quem Daflon dialoga, mostrando de que forma a apropriação de inúmeras obras de Bandeira pela música popular consolidou uma espécie de “alimentação mútua entre música e poesia” (DAFLON, 2013, p. 8) que, ao longo da história das relações entre canção popular e poesia, estendeu-se a obras de diversos autores, dentre elas, a destacada produção poética de Leminski.

O exame do que chama de “enlaçamentos autorremissivos do projeto poético de Manuel Bandeira” leva Maria Cristina Cardoso Ribas (2013, p. 4) a uma leitura da constelação bandeiriana que recusa a se enquadrar em um esquema evolutivo; o reexame do papel de intérprete como elemento da cadeia discursivo-poética; o olhar erudito mesclado à ingenuidade da criança; as relações entre erudito e popular; a criação de uma obra polifônica e sempre colocando em rede os nexos entre texto poético e biografia e, finalmente, o ponto de vista privilegiado do poeta que desconstrói a leitura evolutiva que se fez de sua obra configuram um modo de ler o poeta na recusa dos centramentos, atalhos e perigos comuns ao observador crítico. Com isso, Ribas encerra (sem trancar) o dossiê, que deve ser lido, conforme a autora mesma propõe, de forma circular, nos embates comparativos entre os oito

autores-críticos aqui reunidos em torno de uma paixão aglutinadora: a poética de Manuel Bandeira.

Ainda no calor da homenagem e dentro de uma atmosfera poética na qual respiramos a poesia de Bandeira, a crônica de Affonso Romano de Sant’Anna sobre seu encontro com o poeta não poderia encerrar de forma mais lúdica nossa homenagem. Para os autores iniciantes, para os amantes da crônica, ou simplesmente para os que apreciam uma bela narrativa, a crônica de Sant’Anna é testemunha do perfil de estudioso, da generosidade do sujeito e da ingenuidade da criança, elementos da obra, da vida e da personalidade de Bandeira aqui discutidos criticamente por nossos oito colaboradores, poeticamente representados pelo também poeta Affonso Romano em seu texto, gentilmente cedido a nós. Esperamos que, com Sant’Anna, nossa homenagem a Manuel Carneiro de Sousa Bandeira estimule a sempre essencial leitura e releitura de sua obra.

Ao dossiê, seguem-se as seções de temas livres. No âmbito dos estudos literários, “Figurações do outro em tempos pós-utópicos”, de Vera Lúcia Follain de Figueiredo, abre as discussões com a análise do que chama de perda do horizonte utópico e a forma como essa perda implicou mudanças nas estratégias de representação do sujeito, com foco nas narrativas audiovisuais brasileiras. Com foco no conto “Meu tio tão só”, de Antônio Carlos Viana, analisado comparativamente a *Bartleby, o escrivão*, de Herman Melville, Daisy Souza Almeida, em “Da moral da compaixão à supressão da potência: um passeio pelo limbo em Antônio Carlos Viana”, conclama Schopenhauer, Nietzsche e Agamben ao debate para discutir as máquinas de controle do ser, temas que, de certo modo, cruzam no texto de Vera Follain e que aqui merecem ser lidos lado a lado ao texto de Almeida.

Dos estudos acerca de autores e temas contemporâneos, seguimos na leitura de Hugo de Araújo Gonçalves da Cunha, que nos propõe, em “Mulher e magia em Medeia”, com ênfase em Sêneca e em Pierre Bourdieu, as formas de representação da mulher na Antiguidade, dentre as quais Medeia é marcante exemplo.

Da Antiguidade Clássica, partimos em viagem ao século XIX, na igualmente clássica obra *Ressurreição*, de Léon Tolstoi, com a qual Alex Rezende Heleno nos propõe ler a narrativa do russo sob o viés das questões sociais de divisão da propriedade e estabelecimento das desigualdades sociais. Na esteira da leitura de um autor realista do século XIX, no salto para o século XXI, um problematizador da estética realista, Bernardo Carvalho, encontra na

crítica de Caio Yurgel um leitor atento e um crítico arguto da revisão do realismo proposta por Carvalho nesta nossa margem sul do Atlântico, oceano de diversidades que, ao lado de um Bernardo Carvalho também acolhe obras com as de Raimundo Carrero, autor contemporâneo cuja ficção é estudada com rigor por Cristiane Amorim, em “*Sombra severa*: a obra secular de Raimundo Carrero”. Com o estudo de *Sombra severa*, Amorim procura “desembaralhar” a trama, ainda que parcialmente, pela análise das intertextualidades bíblicas e do olhar ênfase carreiriano acerca da condição humana, que vê na repetição cíclica dos mesmos erros e contradições uma espécie de maldição e condenação do homem.

Atesta o vigor da produção literária contemporânea o ensaio coletivo da autoria de Iza Quelhas, Vagner Rangel, Flávia Bomfim e Marilene Costa, “As chaves de casa de *A chave de casa*”, livro de Tatiana Salém Levy. Sob o crivo da autoficção, da autobiografia e da escrita confessional, os autores se lançam no esforço de pensar a narrativa contemporânea, cientes do paradoxo entre a insistente presença do mito e a crise das relações entre infraestrutura e superestrutura na dita sociedade pós-moderna.

Como no dossiê Manuel Bandeira, a seção de Estudos Literários também se encerra com as palavras de um escritor, dessa vez as do ficcionista Michel Laub, um dos expoentes da ficção brasileira contemporânea e que recém-lançou seu novo romance, *A maçã envenenada*, pela editora Companhia das Letras. A entrevista, concedida por Laub ao pesquisador de Iniciação Científica da FAPERJ, Felício Laurindo Dias (também responsável pela apresentação do autor), e supervisionada pelo orientador, Paulo César Oliveira, recorta temas e obsessões do escritor, que fala ainda de suas relações com o mundo literário, seus processos de criação e de sua relação com a crítica e a teoria. É um texto essencial aos graduandos e aos pesquisadores, em geral, e material inédito para os estudos da contemporaneidade no âmbito das narrativas ficcionais brasileiras de hoje. Com essa entrevista, a seção cumpre o papel de espelhar a pluralidade de temas e de interesses que configuram a área dos estudos literários.

Representa a área dos Estudos Linguísticos o estudo “*O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes: o discurso naturalista nos dizeres sobre língua nacional nos anos 1920”, de Thiago Mattos e Vanise Medeiros. Neste trabalho, *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922) é analisado comparativamente a *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920), com foco na História das Ideias Linguísticas e na Análise do Discurso, visando a ao estudo do objeto linguístico também nas suas formas históricas e sociais e, com isso, determinando a questão ideológica como um dos possíveis lugares de disputa de sentido. Com isso, a brilhante

reflexão dos autores identifica movimentos plurais a configurarem uma memória discursiva inserida na história das ideias linguísticas em nosso país.

Encerra este número 25 da *Soletras* a seção de Ensino, na qual dois trabalhos assemelhados ganham se lidos conjuntamente. O artigo de Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra, “Aprender e ensinar inglês: o que o afeto tem a ver com isso?”, investiga os modos como o afeto socialmente construído afeta o aprendizado de língua inglesa. Já “Narrativas de alunos e professores: uma construção conjunta de identidades profissionais”, de Renata Lopes de Almeida Rodrigues, trata das narrativas que surgem da interação entre professores-orientadores e professores em formação inicial e sua importância na construção das subjetividades dos segundos. Ambos os artigos investigam o aprendizado de língua inglesa e contribuem significativamente para o campo das pesquisas em torno do ensino de línguas estrangeiras no ambiente da escola e, mais detidamente, da sala de aula, quer seja no âmbito das estratégias cognitivas, conforme Bezerra, ou no nível das experiências intersubjetivas, no trabalho de Rodrigues. Material de interesse para os alunos e pesquisadores da área de Ensino e da Linguística Aplicada, nessa interseção os trabalhos se instalam para propor, sempre, o debate interdisciplinar, proposta maior da revista *Soletras*, bem representada por essas duas reflexões.

Esperamos que mais uma vez a *SOLETRAS*, nesta sua terceira jornada no suporte *on-line*, continue a cumprir sua missão ética, educacional e intelectual de abrigar a diversidade de pensamento e o respeito pela pesquisa e pelos articulistas que tão generosamente nos entregaram em confiança seus textos, fruto de muito trabalho e de intensas leituras. Aos autores, que confiaram na seriedade e na postura ética de nosso periódico, nossos mais sinceros agradecimentos e um até breve, na espera de novos encontros e reencontros.